

IDEALISMO E INDIVIDUALISMO NUM RARO ROMANCE PERNAMBUCANO

Milena Ribeiro Martins

Universidade Federal do Paraná

Resumo: Apresentação e análise do romance *Os Irmãos Marçal* (1922), de Olívio Montenegro, com atenção para o contexto editorial e para sua circulação no quadro da moderna ficção brasileira. A geografia humana e física de Recife e Olinda são o cenário dentro do qual se desenvolve a trama social e íntima. São analisados neste artigo especialmente o idealismo socialista de uma personagem e seu embate silencioso com o egoísmo de outra.

Palavras-chave: História do livro; História da literatura; Olívio Montenegro; Romance.

Abstract: Presentation and analysis of *Os Irmãos Marçal* (1922), a novel by Olívio Montenegro, with attention to its publishing context and its circulation, within the framework of modern Brazilian fiction. The human and physical geography of Recife and Olinda are the setting within which the social and intimate plot unfolds. This article analyzes in particular the socialist idealism of one character and its silent clash with the selfishness of another.

Key-words: Book history; History of literature; Olívio Montenegro; Novel.

1 Ficção pernambucana

Este artigo apresenta e analisa o romance *Os Irmãos Marçal* (1922), o primeiro e provavelmente único livro de ficção de Olívio Montenegro (1896-1962). O autor nasceu na Paraíba, estudou por algum tempo em São Paulo, diplomou-se pela Faculdade de Direito do Recife, onde atuou profissionalmente como juiz, jornalista, professor e diretor (Cf. Valones, 1995: 63-68). Na década de 1930, publicou um

importante livro, pelo qual seu nome é mais frequentemente lembrado na história da literatura brasileira: *O Romance Brasileiro* (1938). Alfredo Bosi se refere a Olívio Montenegro como “um dos intelectuais responsáveis pelo clima modernista-regionalista do Nordeste”, ao lado de José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Gilberto Freyre (Bosi, s/d: 448).

Para compreender o contexto editorial da publicação desse romance, cumpre lembrar que, na história do livro brasileiro, Recife ocupa posição de destaque, tanto na sua origem, como também no século XIX, quando foi um dos mais importantes centros impressores das províncias (Cf. Hallewell, 1985:88 e 185). No início do século XX, especificamente na década de 1920, a cidade do Recife continuou sendo um agente significativo do mercado editorial nacional no que diz respeito à publicação de prosa de ficção. De acordo com o levantamento que vem sendo feito pelo projeto de pesquisa *A prosa de ficção brasileira dos anos 1920: história literária e editorial*¹, que computou até o momento 453 livros novos publicados no país na década de 1920, foram publicados em Pernambuco os seguintes títulos:

Prosa de ficção brasileira publicada em Pernambuco na década de 1920 ²					
ano	Autor	título	gênero	Cidade	editora
1920	Lucillo Varejão	O Destino de Escholastica	romance	Recife	José Soeiro
1920	Zeferino Galvão	O Mosteiro de Nimes	romance	[Pesqueira]	Tipografia da "Gazeta de Pesqueira"
1921	Lucillo Varejão	A Mulher do Próximo	novela	Recife	Casa América Evaristo Maia
1921	Mario Sette	Senhora de Engenho	romance	Recife	Imprensa Industrial – I. Nery da Fonseca
1921	Mario Sette	Outros Olhos	novela	Recife	Casa América Evaristo Maia
1922	Debora do Rego Monteiro	Missanga	conto	Recife	Oficinas tipográficas d'A Notícia
1922	Debora do Rego Monteiro	Chico Angelo	conto	Recife	Evaristo Maia

¹ O projeto teve início como pesquisa de Pós-Doutorado desenvolvida no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP em 2015, sob supervisão do professor Marcos Antonio de Moraes. Depois disso, temos dado continuidade a ela, analisando a produção ficcional brasileira dos anos 1920 da perspectiva da História da Literatura e da História do Livro. Os dados aqui apresentados são um resultado parcial do levantamento que vem sendo feito desde então.

² Assumindo que inevitavelmente teremos deixado de fora vários títulos — por desconhecimento, por impossibilidade de acesso a livros e, sobretudo, porque os dados do levantamento aumentam conforme a pesquisa avança —, apresentamos as informações coligidas até o momento, na esperança de que sirvam a outros pesquisadores.

1922	Olívio Montenegro	Os Irmãos Marçal	romance	Recife	Imprensa Industrial – I. Nery da Fonseca
1923	Mário Sette	A Filha de Dona Sinhá	romance	Recife	Imprensa Industrial – I. Nery da Fonseca
1924	Humberto Carneiro	Praias do Norte	conto	[Recife]	Editora Livraria Universal
1924	Joaquim Pessoa Guerra	O Vaqueiro do Nordeste	romance	Recife	Tipografia Livraria Universal
1924	Lucillo Varejão	Teia dos Desejos	conto	Recife	Imprensa Industrial – I. Nery da Fonseca
1928	Raymundo Paes Barreto	João Carreiro	novela	Recife	Tipografia Livraria Universal
1929	Luís Delgado	Inquietos	romance	Recife	Tipografia Livraria Universal / Edição do autor

Há que se considerar que nesse levantamento estão listados apenas livros de prosa de ficção, em primeira edição, de autores brasileiros — e apenas aqueles que, de alguma forma, sobreviveram ao tempo. De acordo com o levantamento, Recife foi a quinta cidade do país em número de livros de prosa de ficção nacional lançados na década de 1920, atrás de São Paulo (185 títulos), Rio de Janeiro (163), Curitiba (16) e Porto Alegre (15).

Há evidências de que livros publicados pela Imprensa Industrial – I. Nery da Fonseca, do Recife, a mesma que publicou *Os Irmãos Marçal*, chegavam a outros cantos do país sem muita demora. Em junho de 1918, a *Revista do Brasil*, periódico cultural paulista, anunciava o lançamento de *Pan*, livro de poemas de Augusto Andrade, lançado pela editora recifense no mesmo ano. O resenhista elogia o aspecto gráfico do livro: “Volume alentado que dá a impressão de não existir no Norte nenhuma crise de papel semelhante à do Sul.” (*Bibliographia*, 1918:178). A mesma revista deu notícia de lançamentos de outros livros publicados na mesma cidade, deixando saber da atividade editorial de outras empresas na capital de Pernambuco nos anos 1910 e 1920: Casa América, editora Evaristo Maia,³ Costa Pinto & Cia., editora Eugênio Nascimento, editora José Soeiro, editora Revista Comercial e Industrial, Livraria Econômica, Tipografia da Penitenciária, Tipografia Jornal do Recife. Esses dados foram coletados

³ O acesso físico a livros ou à sua reprodução digital permite dirimir algumas dúvidas. Permite saber, por exemplo, que Evaristo Maia era o editor proprietário da empresa Casa América — um exemplar da novela *Outros Olhos...* de Mário Sette permite essa verificação.

na *Revista do Brasil* (1916-1925), importante fonte para o conhecimento do sistema editorial brasileiro.⁴

O romance de Olivio Montenegro chegou às mãos de Lima Barreto, no Rio de Janeiro, possivelmente enviado pelo próprio escritor. Lima respondeu ao escritor por meio de uma carta, em 29 de setembro de 1922. O romance fora lançado no início de agosto, segundo se depreende de anúncio publicado no *Jornal do Recife*.⁵ Tendo lido o romance recém-lançado, Lima Barreto elogia especialmente o idealismo da personagem Farmâncio e a sobriedade da caracterização das paisagens, aspecto que o entusiasma: “É maravilhosa!” (Barreto, 1998: 288-289)

Hoje, o romance de Olivio Montenegro se tornou obra rara, de difícil acesso. O exemplar que serviu de fonte para esta pesquisa pertence ao acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP), que contém uma coleção inestimável de obras brasileiras dos anos 1920. Dada a raridade deste romance, optou-se neste artigo pela apresentação detalhada de seus elementos de enredo e estilo, antecedidos por aspectos de sua materialidade gráfica.

2 Aspectos gráficos do livro

⁴ REVISTA DO BRASIL. São Paulo, 1916-1925. Biblioteca Digital Unesp, in <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26091>. Acesso em 10 de abril de 2020. Cf. também LUCA, Tania R. de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

⁵ OS IRMÃOS MARÇAL. *Jornal do Recife*, 01/08/1922, p. 02.

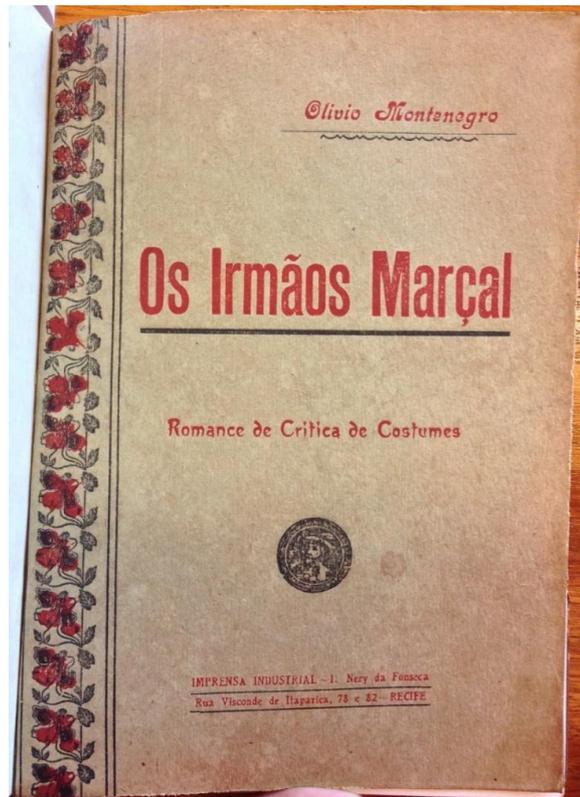


Figura 1: Capa da 1ª edição do romance *Os irmãos Marçal* (1922), de Olívio Montenegro. Dimensões do livro, de acordo com o Dedalus, base de dados bibliográficos da USP: 174p., 18 x 14 cm. Fotografia amadora, feita a partir do exemplar pertencente à Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP).

A capa do romance *Os Irmãos Marçal* (1922) é predominantemente tipográfica [vide Figura 1]: letras cursivas são usadas no nome do autor; letras de tipo mais comum, sem serifa, no título e nos dados da editora; e para o subtítulo escolheu-se um estilo algo oriental. Mesmo sem ilustração, a capa não é desprovida de adornos, o que sugere a intenção de dotá-la de uma aparência individual, distinguindo-a de outras disponíveis no mercado. Na metade inferior da página, à maneira de um sinete, há um pequeno perfil masculino; na margem esquerda, como uma vinheta, veem-se flores vermelhas envoltas por ramos e folhas pretas.

O exemplar consultado foi encadernado, conservando-se felizmente a capa original. Há um autógrafo do autor, com a seguinte dedicatória: “A Araújo Filho, o insigne poeta de Rhytion, como lembrança da admiração e amizade. / Recife 10 d’Agosto de 192[2] / Olívio Montenegro”. A caligrafia do escritor parece apressada e não é muito

clara. Importa observar que o referido livro *Rhytton* também foi publicado pela Imprensa Industrial do Recife, no mesmo ano de 1922. Sabe-se, portanto, que o poeta e jornalista Joaquim de Araújo Filho foi o primeiro proprietário e possivelmente leitor desse exemplar. Numa das páginas iniciais, a sigla AF manuscrita a lápis indica seu nome.⁶

Além dessa dedicatória manuscrita, há também uma impressa, num tipo rebuscado, que imita o manuscrito: “A memória de meu irmão Silvino Bezerra Montenegro.” A folha de rosto reproduz boa parte dos elementos da capa, com exceção da borda e do sinete, que foi substituído por outro, de mesmo tamanho, representando uma flor.

O papel do miolo difere do de outras publicações da época, cujo aspecto costuma ser frágil, quebradiço, amarelado e opaco: o papel é perceptivelmente liso, ainda hoje agradável ao tato. Apesar disso, a qualidade da impressão não é das melhores. Há vários erros de composição e impressão (alguns pequenos, outros grandes) ao longo do livro, que prejudicam a qualidade dessa primeira edição de *Os Irmãos Marçal*. Há pequenas gralhas, espalhadas pelo texto, sugerindo a falta de um revisor atento. Algumas delas são identificadas pelo escritor numa errata, ao final do romance. [vide Figura 2] E há alguns erros não apontados por ele: baixa qualidade de impressão de algumas páginas, nas quais os tipos estão borrados; aparente falta de um trecho entre o penúltimo e o último parágrafo da página 111; e, por fim, o erro mais extenso: as páginas 129 a 136 foram encadernadas duas vezes, isto é, estão repetidas no livro. Isso prejudica a leitura sobretudo porque se trata de um momento tenso da narrativa, quando um personagem cogita o suicídio. A duplicidade provoca interrupção da leitura e, portanto, minimiza o efeito da trama. Pode ser um defeito presente em poucos exemplares — não pudemos verificar.

⁶ Joaquim de Araújo Filho nasceu em Macau, Rio Grande do Norte, em 1895, e morou em Recife. Colaborou assiduamente com a imprensa do Recife. Cf. WANDERLEY, Romulo Chaves. *Panorama da poesia norte-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965. p. 138.

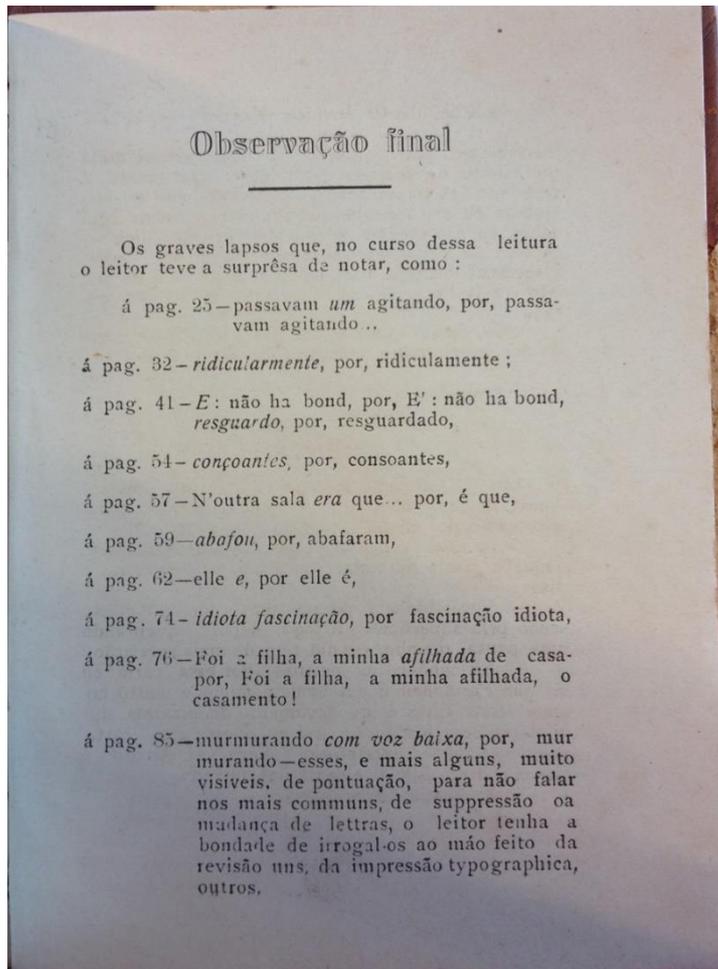


Figura 2: Errata intitulada “Observação Final”. Parte integrante da 1ª edição de *Os irmãos Marçal*, de Olívio Montenegro. (p. 175). Fotografia amadora, feita a partir do exemplar pertencente à Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP).

Esses elementos somados não recomendam o trabalho da editora. Terá havido o trabalho de um editor? Há um paratexto, dirigido ao leitor, no qual o escritor deixa entrever algumas das dificuldades enfrentadas na edição deste livro e, se pudermos generalizar, na edição de livros em geral naquela década:

Ao leitor:

Este livro era já para ter sahido a publico, e isso por uma razão muito comprehensivel: porque o findára ha quasi dois annos. Mas vem tambem outra razão muito comprehensivel e impediu que elle se publicasse áquelle tempo: a falta de um editor.

Agora, porém, ahi vae, como me foi possível, e para o destino que Deus quizer. Se fôr bom o destino tanto melhor: se ruim, temos muito de que nos consolarmos. Todos que escrevem o têm, e tambem o

Autor.⁷

⁷ MONTENEGRO, Olívio. *Os irmãos Marçal*: romance de critica de costumes. Recife: Imprensa Industrial – I. Nery da Fonseca, 1922. s/p. [obs.: em todas as citações do romance, procurou-se manter a ortografia original do texto.]

A “falta de um editor” parece significar não a inexistência de editores no estado ou no País, mas a falta de um editor interessado em investir num escritor iniciante e numa obra de cunho político explícito (como se analisará adiante). A maneira como o escritor qualifica o lançamento do livro — “Agora, porém, ahi vae, como me foi possível” — sugere que a edição tenha sido financiada por ele, como não era raro acontecer então. Se isso for verdade, os erros de composição e impressão podem ser todos creditados à ausência do trabalho do editor, ao qual o escritor e a tipografia contratada substituíram.

Em Recife ou no Rio de Janeiro, os escritores brasileiros dos anos 1920 sofriam com a pouca qualidade de algumas editoras e tipografias. Em comentário sobre a qualidade gráfica do romance de Olívio Montenegro, Lima Barreto se irmana a ele: “É pena que a revisão e a tipografia tenham sacrificado tanto seu livro, mas que quer, meu caro senhor? — todos nós somos vítimas desses dois flagelos. Eu sou uma das que eles mais torturam.”(Barreto, 1998: 289)

É esse o aspecto gráfico da primeira edição do romance *Os Irmãos Marçal*, cujo teor e estilo analisaremos a seguir.

2 Socialismo e individualismo, vida pública e privada

O romance narra as trajetórias pessoais e traços da ideologia de Farmâncio e Beatriz, as personagens-título, desde a juventude escolar até o casamento; narra também pouco do que sucede nas suas vidas pessoais depois disso. Ao longo de toda a trama, dá-se ênfase a conflitos políticos e familiares.

Ambientado em Recife e Olinda, o romance começa com Farmâncio fazendo um discurso anarquista e, por causa disso, quase sendo preso pela polícia. Livra-o da prisão o favor de um delegado, que fora seu amigo de turma. Beatriz tenta dissuadir o irmão de suas atividades políticas, chamando-o à sua razão. Também está contra ele seu tio Marcos, que os cria desde a morte de seus pais. O pai, cardíaco, morrera quando

Farmâncio tinha seis anos. A mãe, descrita como vaidosa e adúltera, morrera logo depois do nascimento de Beatriz.

Os irmãos Marçal estudam — ela no colégio Sta. Margarida, ele no Gymnasio. No contexto dos anos 1920, é importante a caracterização da escolarização de Beatriz, justamente porque a escolarização feminina era menos usual que a masculina. Mas Beatriz não parece especialmente inclinada para os estudos; Farmâncio e o narrador percebem a vaidade e a superficialidade como traços marcantes do caráter de Beatriz, desde sua infância. Por outro lado, o irmão, vocacionado com “todos os seus sentimentos para a medicina”, acaba atuando no serviço público, aparentemente porque seu tio não tivera condições de lhe oferecer educação adequada para essa profissão (Montenegro:19).

Apesar da boa-vontade do tio na criação dos sobrinhos, o destino que ele traça para Farmâncio tolhe duas vezes a inclinação original do rapaz: primeiro deixando-o fora da Medicina e, depois, posicionando-se contra sua atuação política.

As páginas iniciais fazem supor uma trama romanesca tradicional, marcada por alguma atividade política, relações familiares e amorosas, especialmente quando as mocinhas se reúnem em torno de Beatriz e, animadamente, tentam descobrir se a moça estava de fato noiva ou envolvida amorosamente com Álvaro Cunha (que aparecerá ao final da trama). Porém, enquanto essa conversa e outros flertes se desenvolvem, Beatriz disfarça e demonstra interesse por outros acontecimentos, que envolvem uma efêmera personagem em seu leito de morte:

D. Porciuncula era a mulher de Damião Gonçalves, e que atravessava naquelles dias em consequencia de um provocado aborto, grande e delirante crise febril. [...]

De feito, D. Porciuncula agonisava e justamente quando os médicos faziam um diagnostico novo e mais profundo da molestia, Ha um mez D. Porciuncula andava prostada em consequencia de um aborto que já servira de abundante pasto á áspera língua dos visinhos, e que despertara mesmo uma curiosidade impudente entre os mais íntimos.(21 e 28)

Porciúncula acaba morrendo, sem que os médicos fossem capazes de chegar a um consenso sobre seu mal e sobre as maneiras de tratá-la. Médicos, no plural, como

no conto “Policce Verso”, de Monteiro Lobato: nos dois casos, médicos encantados com as próprias palavras, mas incapazes de tratar da pessoa doente (Lobato, 1918).

O aborto, provocado por uma mulher casada, que gozava de boa situação financeira, e sem que tenham sido apresentadas razões para explicar ou justificar seu ato, é narrado sem outros julgamentos morais além da referência à “língua áspera dos vizinhos”. A despeito da importância que poderia ter no romance, dada sua potencialidade dramática como elemento narrativo e dada sua potencialidade de escândalo entre os leitores, o aborto provocado não tem outros desdobramentos. Porciúncula recebe “os purificantes sacramentos da madre igreja”(Montenegro: 29). Parece haver algo de irônico no adjetivo “purificantes”. Segue-se a isso um enterro pomposo, com o que se encerra a participação de Porciúncula na trama.

Silenciosa e convenientemente, o polêmico tema do aborto morre com a personagem. A polêmica que passa a mover o romance, a partir daí, deriva do envolvimento entre Beatriz e Damião, o recém-viúvo. O casamento entre os dois desagrade de tal maneira o tio da moça, que termina por provocar a sua morte. A razão dessa desaprovação não reside apenas na recente viuvez de Damião, nem apenas em sua idade avançada, mas também se deve à sua conhecida atuação como contrabandista.

O interesse de Damião por Beatriz parece ter sido súbito; no que diz respeito ao interesse da moça por ele, porém, o narrador *sugere* que ela já antecipara essa possibilidade, quando informa que ela estivera “tomada de um quente interesse” pelo estado de saúde de Porciúncula (21). Embora esse interesse pudesse ter sido genuíno, o desenvolvimento da trama mostra que Beatriz alimentara expectativas quanto ao futuro viúvo, tendo arquitetado planos, embora no momento eles parecessem insondáveis ao narrador e aos leitores:

Quando as amigas partiram Beatriz deixou-se mergulhar toda para dentro dos seus vastos e obscuros pensamentos, que deviam ser elles bem conchegativos da sua felicidade, a julgar pelo vago e tenue sorriso que lhe veio a escorregar com uma imprudência satisfeita dos cantos sumidos da bocca, como num bom sonho ou num extase bom.

E largo tempo passou assim até que um rumor vizinho de passos lhe sacudiu, num estremecimento, dessa contemplação muda e interior(24).

O narrador observa a personagem de fora, sem invadir seus pensamentos, que, embora vastos, permanecem obscuros; limita-se a investigar sinais sem, no entanto, desvendar seus significados: um sorriso *vago e ténue, satisfeito*, como em *êxtase*. As emoções da personagem estão indubitavelmente associadas a um estado de felicidade íntima, mas, por alguma razão que naquele momento não estava clara, revelá-las teria sido um ato de imprudência. O sorriso lhe escorrega, quase como um deslize, um erro, uma revelação que deveria ter sido contida. Ele é tudo do tão pouco que se revela nesse momento, permitindo apenas que se caracterize a vida íntima de Beatriz como rica, embora indevassável. A chegada de seu tio Marcos a coloca mais uma vez em estado de prontidão: seu mundo interior, seus pensamentos e emoções, aos quais ela se entregara por um longo tempo, parecem acessíveis apenas a ela. Não obstante, os pensamentos e planos de Beatriz são definidores dos rumos da trama romanesca, como se mostrará adiante.

O romance também trata do outro irmão Marçal: Farmâncio. Ao mesmo tempo em que Damião corteja Beatriz, Farmâncio participa com euforia do movimento de greve dos bondes. A divisão parece bastante tradicional neste ponto: para a mocinha, a vida íntima e as tramas domésticas; para o rapaz, a vida política e as ruas. Inicialmente a greve parecia forte, mas viria a ser interrompida por falta de recursos. As ideias políticas de Farmâncio são admiradas especialmente por um dos convivas da família, um empresário inglês envolvido com o sistema de trens: “Willian [...] se interessava vivamente, curiosamente, pelo talento moral das suas idéas, pela coragem sincera que elle punha na defeza das suas chiméras” (55).

É importante atentar para a escolha da palavra “quimera”, também sinônimo de ilusão, devaneio, fantasia. A frase toda parece ter sido construída num crescendo, do qual fazem parte o verbo “interessar-se”, os advérbios “vivamente” e “curiosamente”, e os substantivos abstratos “talento”, “ideia” e “coragem”. Essa sequência ajuda a construir e reafirmar a aura de idealismo e poesia que envolve a personagem (e alguns de seus colegas). A palavra “quimera”, porém, parece sugerir, com leve ironia, o descrédito do empresário a respeito da concretude das ações da personagem. Acentua a contradição o fato de a admiração pelo grevista ser formulada por um empresário dos transportes.

Contradições e ironias sutis indicam, desde já, o que ficará progressivamente claro ao longo do romance, culminando com a carta final: que os sonhos de Farmâncio não terão o destino desejado por ele. Manipulado pela irmã e movido pelas circunstâncias, Farmâncio acabaria se casando com a filha do empresário inglês.

Antes disso, porém, o rapaz teve oportunidades de dar corpo aos seus ideais. Tendo se tornado herdeiro de seu tio, ele vendeu a casa para saldar dívidas e, com o dinheiro restante, fundou o jornal *Combate*, no qual “todos, tipógrafos e redatores compartilhavam igualmente dos lucros” (86). Além disso, também idealizou e participou da criação de escolas socialistas para os filhos dos operários. O idealismo do personagem encontraria obstáculo em intrigas e vaidades na gestão das escolas e do jornal.

Em meio a essas decepções iniciais, Farmâncio observa a pobreza e a sujeira de um bairro e seus casebres. Destacam-se as condições precárias de moradia nos arredores dos centros urbanos e o contraste entre a natureza grandiosa e os tipos humanos diminuídos, que viviam na pobreza:

Approximavam-se da ponte da Tacaruna, e elle [Farmâncio] logo deu em redor, ao byzarro panorama, que se lhes antepunha dos lados, como uma grande tela, um olhar lento e demorado que ora fulgia na admiração, ora se apagava no tédio e no desalento. Sahiam descompassados e fortes os sentimentos produzidos d’aquelle quadro que lhe sabia á vista selvagem e grandioso a um tempo: parecendo-lhe alli que o sublime e o horrivel se atropellavam na confusão de um contraste absurdo e violento.

Ao meio de uma natureza esplendida de mar e d’horisonte, beirando um rio, que se estendia aqui e lá numa symetria e numa ordem de divino gosto, uma massa horrenda de casebres miseráveis, ora destacando-se apinhadamente como sombras informes, ora isolados, enterrando-se na lama, descompostos e tortos, e através de cujos buracos negros dos postigos, via-se algum rosto descarnado e lívido a espreitar o mangue e o céu, numa pacífica e morna expressão de idiotia. E imaginou entre si de como não vegetava alli cheia de fome e frio, toda uma população de tortulhos humanos, que a necessidade fazia-os fedorentos e sujos, enquanto tantos outros deixavam ir ao desbarato de um vicio ocioso o quanto bastaria a todos aquelles para um vasto conforto e vivo accio (95).

Em seguida, a visão do mangue contrastaria com a poesia tipicamente atribuída aos elementos mar e horizonte, diminuindo a sensação de pujança e simetria da natureza. De maneira geral, esse retrato dos subúrbios é típico na *Belle Époque*

brasileira,⁸ mas é digna de destaque a representação de periferias menos visitadas pela literatura, como a pernambucana, ou no mínimo menos observadas pela crítica, dada a curta vida de romances como este, nunca reeditado.

De maneira mais específica, as escolhas vocabulares e aproximações metafóricas na construção dos tipos humanos, neste importante trecho descritivo-reflexivo, assemelham-se àquelas feitas por Monteiro Lobato, especialmente nos contos “Velha Praga” e “Urupês” (Lobato, 1918). Observe-se que o narrador escolhe o verbo *vegetar* e o substantivo *tortulho* (sinônimo de cogumelo), de forma semelhante ao que fizera o escritor paulista nos contos citados. Limitados à condição de cenário, sem ascenderem a personagens, os “tortulhos humanos” poderiam deixar de sê-lo se “tantos outros” (não nomeados nem qualificados) não vivessem no “desbarato de um vício ocioso”.

De um lado o desperdício; de outro a necessidade. Farmâncio, o observador, vive no meio desses dois extremos, procurando diminuir o fosso que os separa. Observe-se que, diferentemente do que acontecera com Beatriz, cujos pensamentos tinham sido insondáveis, aqui o narrador não se limita ao rosto da personagem, mas descreve-lhe com minúcia a visão, as reflexões e sensações.

Em outro momento, numa ocasião social em ambiente mais requintado, no qual se ouvia Chopin, Farmâncio discute com o poeta Adrião a respeito das diferenças e da importância da expressão poética *versus* expressão musical erudita. Embora a discussão não tenha sido exaustiva, as opiniões de Farmâncio são as únicas que consideram a recepção leiga da obra de arte e louvam o caráter instrutivo da palavra, da poesia:

Apenas se o Dr. Adrião me permite um aviso, penso eu que a poesia [...] constitui ainda a melhor expressão do nosso sentir e do nosso pensar, e a que traduz mais largamente e mais nitidamente todos os aspectos das nossas sensações. Penso mesmo que a música ajunta muito pouco à cultura do espírito, e não ajunta nada à cultura sentimental do leigo; enfim é antes uma arte de ponto para agradar e não para instruir...(Montenegro:103)

⁸ Remeto sobretudo à obra de Lima Barreto, porque interessantes aproximações podem ser feitas entre sua produção ficcional e este romance de Olívio Montenegro, especialmente no que diz respeito à representação dos subúrbios, à discussão sobre música erudita e popular e também à discussão sobre música e instrução.

A alusão ao leigo e à instrução remete aos anseios socialistas de Farmâncio e ao seu envolvimento com a educação dos filhos dos operários. Da mesma forma que essa discussão estética não foi muito longe, também suas atividades política, jornalística e educacional viriam a ser frustradas.

Farmâncio acabaria vendo ruir seu investimento em escolas depois de descobrir que as supostas contribuições dos sócios (os operários) não se efetivaram. Ao visitar uma das instalações, encontrou um triste cenário: escola precária, móveis velhos, livros sem páginas e um professor amalucado, além de meia dúzia de alunos adormecidos. No jornal, por sua vez, houve uma rebelião, movida dentre outros fatores pela sensação de que uns trabalhavam mais do que outros. A desordem e a falta de espírito coletivo se materializam numa cena de revolta em que, em meio a gritos e empurrões, um funcionário recolhe os tipos que vão caindo ao chão. O idealismo ganha ares quixotescos, nos dois casos, e Farmâncio poderia entrar para o grupo dos *policarpus quaresmas*, não fosse seu esmorecimento posterior.

Sem jornal, sem escolas, sem companheiros, Farmâncio se embebeda e pensa em suicídio. Doente, é acolhido por Beatriz (sua irmã) e por Eve (a referida filha do empresário Willian). Beatriz aproveita-se da desilusão e da prostração do irmão para induzi-lo ao casamento com Eve, para quem o enlace parecia ser conveniente e mesmo urgente:

Eve tinha unidade de character. Tinha uma vontade precisa, bem regrada e fria. No seu affecto que nunca partiu em desordem, nas suas fugidas sentimentaes que nunca descahiram em pranto, nas demoradas provocações do seu olhar, na amorosa paciencia de seu zelo, tudo ia n'um regular acordo com o seu character. O casamento lhe passara a ser um caso urgente de necessidade. Chegara a idade em que a mulher quando a não comprehende, a sente; e de todas as necessidades da natureza essa não é a menos rude de sentir. Vira Farmâncio: achou-o bello, facil e bom. Era o marido que lhe convinha naquela oportunidade, e o seu affecto correu prompto para elle, exprimindo-se do dodo que lhe podia ganhar melhor no espirito: moderado mas envolvente; sem acentos hystericos, mas que a languidez natural das suas expressões fazia profundo (162).

Premido pela sensação de culpa e de dever, por ter recebido ajuda de Eve num momento de necessidade, Farmâncio se casa com ela. O narrador deixa claro o que Farmâncio reluta em perceber que ao lado de Eve seus anseios socialistas iriam no mínimo arrefecer:

A um proposito da conversa perguntou elle [Farmâncio] sobre a sympathia, que, uma certa vez, lhe havia dito ter pela causa do socialismo.

— Sim, lembra-me, ella [Eve] respondeu. Apaixona-me essa forma humanitaria de vida; mas Farmâncio, quando não é possível atingir o que sonhamos, é necessario não deixar escapar o que podemos.

N’isso ia um flagrante do seu espirito positivo e justo. Farmâncio não atentou para elle. Não quiz ou não poudé. Não poudé é o mais certo.(162-163)

A razão pela qual ele “não pôde” foi, naquele momento, a entrada de outras pessoas na sala, as quais Farmâncio passou a observar com prazer. Essa justificativa circunstancial pode ser ampliada se se observar que, hospedado na casa do cunhado endinheirado, Farmâncio se sentia muito confortável e apaziguado. Enquanto Beatriz e Eve, voluntariosas, organizavam a festa de noivado, que Beatriz queria que fosse “lustrosa, que retinisse nas gazetas” (151), ele

[...] não insistiu mais, abandonando-se com despego e mudo, aos frouxos de quebrantos que o derreavam de cada passo, para cima d’uma poltrona onde elle se ficava em cochilo e pasmaceira.

Habitudara-se ao luxo solitario do palacete do cunhado, e gostava um prazer amavel de recostar na maciez catita daqueles divans e daquelas poltronas, que se abriam amplas e de bojo muito saliente e molle, pela sala, e nos corredores, com uma silenciosa cumplicidade de preguiça e amor.

Beatriz as mais das vezes fôra, ou, se em casa, toda em si, entregue a extraordinarias leituras de extraordinarias novellas, elle ficava como senhor da casa, dominando naquelle aparato de coisas salientes e ricas. (151-152)

Farmâncio se habituara ao “vício ocioso” que antes ele via como uma das causas das diferenças sociais, contra as quais ele lutara. Essa aparente contradição não chega a incomodá-lo. E, quando o passado adormecido é revivido, em algumas cenas, ele não ultrapassa o limiar da reflexão saudosista, não se converte em ação, nem tampouco no abandono de sua confortável condição:

De começo, tanto que rolava as vistas ao passado, corria a retiral-as de lá, num susto. Com o habito – therapeutica a cujo uso não resiste nenhuma repugnancia, infallivel para todas as idiosyncrasias – Farmancio foi se afazendo a esse andar retrospectivo de vistas, e por fim isso lhe passou a saber com um certo gosto e uma certa saudade. E quando voltava de lá era agitado por esperanças que elle julgava mortas. Via-se de novo á testa de uma legião... De novo se gosava dos antigos sonhos, das velhas representações visionarias do seu espirito, teimando de conceber o quadro completo da sociedade futura, a «sua sociedade» aperfeiçoada, onde os homens se mostrariam sem outra paixão que a da verdade, sem outra doçura que a do amor do próximo, já entrevisto, uma vez, pela magnanimidade enternecida de Jesus.

O dinheiro representaria apenas um intermediario humilde, e muito accessivel, para levar adeante o gyro pacifico das transações honestas, que se dispensariam bem das formalidades injuriosas da escriptura (152).

Nesse trecho, o narrador revela uma faceta pouco usual neste romance: usa a situação da personagem para tecer considerações generalizantes, aplicáveis à humanidade. A assertiva moralizante, formulada por meio da metáfora “o habito – terapeutica a cujo uso não resiste nenhuma repugnancia, infallível para todas as idiosyncrasias”, explicita a descrença do narrador com relação à sobrevivência de certos ideais, quando em conflito com o hábito de quem os carrega. O narrador parece ter encontrado uma razão não dita, subjacente às ações de Beatriz e Eve, responsáveis por habituarem Farmâncio aos confortos do ócio. Farmâncio, por sua vez, não se resigna numa muda prostração, mas sublima seus ideais de igualdade social aludindo à figura de Jesus — não por acaso, a imagem de Jesus vem anteceder das fortes expressões religiosas: “verdade” e “amor do próximo”. Assim, os ideais anarco-socialistas de Farmâncio são vistos por ele como valores maiores e não circunstanciais, já que amparados por uma figura mítica de bondade, representante de um ideário religioso tradicional. Nesse esforço de sublimação, até mesmo o dinheiro converte-se num instrumento para um bem maior. Nas transações hipotéticas nas quais seria útil o dinheiro com o qual Farmâncio já está habituado, dinheiro que garantiu o seu conforto e o amparou numa situação de crise de ideais, o capital é absolvido, porque se converte num instrumento de uma causa maior, cristãmente adjetivado como “humilde” e “honesto”.

Tudo isso não ultrapassa o limiar da reflexão, insondável para os demais personagens, compreendida e revelada apenas pelo narrador. A transformação de Farmâncio, apresentada em diferentes aspectos, pode ser vista também na maneira como ele julga o cunhado, Damião, que de início lhe parecera repugnante e, com a proximidade, passa a lhe ser simpático:

Parecia-lhe um enigma como d’antes não podendo fitar o velho Damião, sem que uma repugnancia instintiva logo lhe alterasse os nervos numa vibração antipática de odio, agora o visse de bons e amigos olhos.

Chegava mesmo a interessar-se com sympathia por aquele velho que elle surprehendia, ás vezes, cheio de um grande ar offendido e triste, a procural-o timidamente, e a mostrar um cuidado paternal e infinito por tudo que lhe tocava aos seus interesses (154-155).

Casando-se de fato com Eve, Farmâncio se muda para a Inglaterra (o que depois se revela ter sido um plano de sua irmã para afastá-lo da possibilidade de atrapalhar seu

modo de vida e, especialmente, seu relacionamento amoroso com Álvaro). Lá, Farmâncio trabalha para Damião e formula uma ideologia socialista-empresarial, antevendo utopicamente a existência de um mundo do trabalho em que os trabalhadores seriam tratados dignamente, como seres humanos íntegros, não como peças de engrenagens, enquanto os patrões prosperariam.

É Eve quem relata, em carta à cunhada, a transformação no espírito de Farmâncio, que assim teria formulado sua visão de futuro, conciliando capital, trabalho e fraternidade:

Amanhã quando o operario não for simplesmente uma machina, e for um homem que tenha a iniciativa dos seus actos e saiba verdadeiramente do valor. A inventiva industrial hoje, nós sabemos, que é secante fria, e pobre. Mas ha de vir um dia, em que a necessidade de aperfeiçoamento dessas industrias levará o operario a exercer o seu espirito e o seu gosto, e deixará então de serem as fabricas um reservatorio de machinas homens, para serem uma sociedade de homens espiritos, ligados entre si pelo interesse de um mesmo gosto, e pela ambição de um mesmo fim. Quanto ao trabalhador rural, ao carrêgo, ao homem de trapiche, estes terão sua sorte infinitamente melhorada ao influxo desses sentimentos humanos longamente exercitados na igualdade de condição e na fraternidade de trato. Porque só o trabalho irmanisa o homem, e, no futuro ainda è o trabalho que o salvará... (172-173)

Farmâncio ainda é um socialista utópico? Ou um empresário que deseja subalternos que trabalhem em paz, sem atrapalhar os interesses dos patrões? A contradição não parece resolvida no romance. Damião e Beatriz formulam interpretações inconciliáveis a respeito do antigo líder grevista. E o romance não apresenta uma solução final clara: em vez disso, encerra-se com um diálogo entre a esposa ardilosa, cujos objetivos foram conquistados um a um, e o marido enganado, que supõe conhecer as pessoas e pensa ver além da superfície. O leitor conhece o ardil dela e o engano dele.

Especialmente pelas transformações ideológicas da personagem Farmâncio, o romance merece ser relido no conjunto de obras literárias de teor político da moderna literatura brasileira, nas quais ocupe lugar de destaque a formulação de utopias ou o embate entre capital e trabalho. Além disso, também parece suficientemente relevante a representação de mulheres (Beatriz, Eve e Porciúncula), cuja atuação se dá de forma sutil, mas determinante para o destino delas mesmas e dos homens ao seu redor.

É curioso como o homem do título deste romance (Farmâncio) é menos enigmático do que a mulher (Beatriz). Tal caracterização reforça o estereótipo feminino de sutileza, ardil e ação nos bastidores. A imagem dos homens, por sua vez, é a de sujeitos mais palavrosos, onipresentes em espaços públicos e situações políticas, embora sejam contraditórios e um tanto ingênuos, controlados por algumas mulheres fortes que só aparentemente lhes servem de cenário.

Como se viu, Farmâncio tem seus pensamentos, ideias e até contradições amplamente revelados, ora ditos por ele mesmo, ora vasculhados pelo narrador. No que concerne a Beatriz, porém, inicialmente o narrador se detém num vestibulo quando tenta retratá-la: observa-a, mas não a desvenda. É só na segunda metade do romance, depois de seu casamento, e depois que o foco já voltou a ser a vida política e pessoal de Farmâncio, que Beatriz começa a ser vista mais de perto, a ter sua personalidade e seus objetivos apresentados com mais clareza. É o que acontece quando o narrador apresenta a teimosia da moça na realização de seus planos, especificamente no momento da articulação do casamento de seu irmão, e sua dissimulação no trato com o marido, enganado dentro de casa por um seu colega:

Beatriz quando fazia tenção forte d'alguma coisa, ninguem lhe ganhava em vigor persuasivo. Conhecia por instincto e por longo habito de simulação, toda a sciencia do affecto; de tal arte e por taes obras o imitava que fazia grande damno e pena á sinceridade. Em derramar não uma, mas um diluvio de lagrimas quando as lagrimas serviam a alguma coisa; inflorar um sorriso, luminoso e puro como um raio de sol, quando esse sorriso era necessario, nisso ninguem se advertia a melhor gosto. Damião podia testemunhal-o se entendesse.

Parece que elle chegara a lobrigar o segredo dessa prodigiosa arte de sua mulher, que, senão de uma, mas de diversas feitas, triumphara da propria evidencia material dos seus sentidos. Talvez que apenas por muito honrar o bem-feito da simulação o Damião tivesse preferido impugnar a prova viva, e que elle podia revistar com os olhos, ou palpar com a mão (149-150).

Obstinada, persuasiva, dissimulada — é o retrato que se esboça de Beatriz, já a caminho do final do romance.

No último capítulo, finalmente Beatriz é mostrada em pleno gozo de sua privacidade, sorvendo os prazeres do conforto que o dinheiro e a solidão lhe proporcionavam. O narrador já mencionara, de passagem, que ela lia ficção — “toda em si, entregue a extraordinarias leituras de extraordinarias novellas” (152). No último capítulo, quase todo dedicado a Beatriz, o narrador vence o pudor de quem ficara na

antessala e entra enfim em seu gabinete de leitura, descrevendo minuciosamente seus móveis, seus gestos, suas leituras e um pouco de suas sensações. O trecho é longo, mas a leitura é proveitosa:

Beatriz tinha um gabinete de leitura, um gabinete seu, particular, que só os muito íntimos conheciam, e onde o Damião raramente tinha a soltura de entrar.

Era um gabinete como ella em solteira imaginava ter: simples mas revestido todo de moveis bem finos e bem caros. Somente uma estante e uma secretaria, em excellente amarelo, proprio da madeira, a que um ligeiro verniz apenas acendia um brilho tímido; e um divan escandalosamente largo, e escandalosamente estufado, junto do qual, rojava, no chão do assoalho, uma felpuda pele. Outros moveis havia, de menor destaque, ainda que não fossem de menor preço.

Era lá que Beatriz costumava refugiar-se depois do primeiro chocolate do dia, para fazer a nutrição fantástica do seu espirito, lendo Zola de envolta com Anatole, e Musset de mistura com Poe.

Nessa manhã porem, uma manhã molhada e fria de Junho, se manhã o fôra com um relógio a marcar dez horas, Beatriz não havia concentrar a leitura. Atabafada num frocado roupão de flanela de quando a quando pousava o livro no regaço, aconchegava-se amorosamente no divan, e contrahia-se toda, com retransida volúpia de gata borralheira, quedando enfim quieta e morna numa attitude de sonho. Depois, lentamente, os seus olhos rolavam profundos e frios pela janela fôra, correndo os longes do horisonte, que acolchoados de bruma, ainda empastavam confusamente em tons melancolicos e palidos de crepusculo.

Beatriz muito havia que se não apertava com nenhum tedio. Essa traça do espirito não lhe polluia o desejo e o goso da vida, e ignorava toda a espécie de melancholia opressora das torvas manhãs de inverno. Muito pelo contrario; ahi aconchegava o espirito á boa quentura dos sonhos nevoentos e vagos, e se tirava desse conchego terno com um prazer esquisito e novo de viver.

Saciada da perspectiva esfumada e silente, ella ia, com um enternecido languor d'olhos, reprimir o doce fio á sua leitura, quando o calendário sobre uma mesinha de xaráo, ao lado, lhe distrahe outra vez o instável pensamento.

Sò então reparara em que se estava a vinte e nove de Junho, e lembrou-se que naquelle dia completava precisamente quatorze meses da estancia de Farmancio na Inglaterra. E sem querer, sorriu ao calendario, fixando-o longamente, saborosamente, rolando toda comsigo, num abandono voluptuoso, para uma scisma que parecia feliz... Feliz, é possível.

Beatriz como certas naturezas egoistas não sabia odiar na fortuna como não sabia amar na miseria. Era feliz: era affectuosa e capaz de todas as generosidades. Rebatida nos seus desejos, contrariada no seu goso, era violenta e capaz de todas as injustiças.

Na consoada posse de tudo o que lhe fazia o sabor da vida, era duma generosa abundancia de coração; mas se lhe figurava duma abominavel injuria, ou duma odiosa impudencia, que alguem lhe não applaudisse todas as expansões, e não coparticipasse na satisfação de seu goso. Ella jubilosa, não concebia expressões recriminadoras e tristes, no rosto mesmo de quem lhe não havia sentir o jubilo, sem logo vergar ao peso da vergonha e do infortunio que elle lhe custava a si mesmo.

Beatriz era assim, incruenta e doce no seu egoismo (166-168).

É, portanto, no final do romance, que Beatriz se revela, deixando-se observar pelo narrador. O prazer de sua solidão é apresentado como um traço do seu egoísmo. A descrição acima não esconde algumas críticas aos hábitos e à riqueza da personagem. Se o narrador entra com discrição no gabinete, escolhendo a palavra “simples” para caracterizar o espaço uma vez desejado pela personagem, logo depois deixa ver (por meio das escolhas vocabulares, das repetições e das ênfases) sua surpresa diante do

gabinete que ela efetivamente conquistou: “revestido todo de moveis bem finos e bem caros”. Em seguida deixa entrever sua crítica à riqueza da personagem: primeiro, na repetição do advérbio “escandalosamente”, com que caracteriza seu divã. Só pode haver escândalo na observação do ambiente se a ele se opuser algo superlativamente contrastante. No trecho transcrito não há, explicitamente, nada que caracterize esse suposto contraste.

O contraste não está dentro do gabinete, local de privacidade, posse e intimidade, mas está dentro do romance e, sem dúvida, dentro da sociedade recifense, pernambucana e brasileira. É o óbvio contraste entre os poucos muito ricos e os muitos muito pobres.

A alusão ao horário em que Beatriz acorda — “se manhã o fôra com um relógio a marcar dez horas” — caracteriza seu ócio como um hábito de classe, ao qual contrastam outros hábitos de outras classes que, de tão conhecidas, são perceptíveis mesmo sem menção direta. A vida de Beatriz é feita de luxo, de desperdício, ou de ambos: começar o dia às dez horas parece ser uma afronta aos olhos do narrador, que não poupa um comentário incrédulo — “se manhã o fôra”.

Portanto, o narrador compartilha do ponto de vista de Farmâncio, que criticara o vício ocioso de uma elite, em oposição à fome e ao frio experimentados pelos “tortulhos humanos”. Beatriz sequer os enxerga. Presa que está ao seu universo particular, ignora “toda a espécie de melancholia opressora das torvas manhãs de inverno” e só vê, do lado de fora, o horizonte. Nada mais e ninguém mais.

Quanto ao lado de dentro, já se viu que seu gabinete é um espaço muito exclusivo. A maneira como o narrador o apresenta é pontuada por pausas que reiteram a exclusividade do espaço e apresentam as restrições da personagem ensimesmada. Assim, à expressão “um gabinete de leitura”, segue-se a repetição do substantivo acrescido do pronome possessivo, “um gabinete *seu*”. Como se a caracterização ainda não fosse suficiente, a palavra “particular” tira qualquer dúvida. E o restrito círculo da intimidade de Beatriz se restringe ainda mais com a informação de que “só os muito

íntimos [o] conheciam”, e de que o marido esporadicamente era incluído na categoria dos íntimos: “Damião raramente tinha a soltura de entrar.”

Também se revela um tom de crítica do narrador na observação sobre o modo de ler da personagem, mais distraído e instável do que concentrado e absorto. Beatriz mistura os autores que lê, nutrindo-se deles com a mesma atitude (hedonista? superficial?) de quem antes tomara um chocolate. Há algum mal nisso? O mal, se há, talvez esteja na sua incapacidade de empatia, de sentir ou de perceber o tédio e a melancolia que as obras lidas poderiam lhe inspirar. Afinal, os autores citados parecem tendentes a inspirar mais tédio e melancolia do que felicidade e gozo; numa certa perspectiva de leitura, esperar-se-ia que os autores abrissem os olhos da moça para além de si, ampliando seus horizontes para além de seu gabinete, de seus desejos e de sua satisfação. Porém, o narrador deixa claro que Beatriz sequer permite que *o outro* sinta algo diferente do que ela própria sente: “mas se lhe figurava duma abominável injúria, ou duma odiosa impudência, que alguém lhe não aplaudisse todas as expansões, e não coparticipasse na satisfação de seu gozo. Ella jubilosa, não concebia expressões recriminadoras e tristes” (168). O egoísmo — palavra usada sem eufemismos pelo narrador — de Beatriz opõe-se, então, ao altruísmo que consubstancia os ideais socialistas e algo religiosos de seu irmão.

Talvez nisso resida a principal oposição entre os irmãos Marçal: o *altruísmo* de Farmâncio versus o *egoísmo* de Beatriz. Como se procurou mostrar, porém, o traço que o caracterizava se modifica ao longo do romance e se esvai, quanto mais distante ele fica do Brasil, ao passo que o traço que a caracteriza só se torna mais intenso.

Porque chegamos ao fim do livro, ao fechá-lo voltamos à capa, especialmente ao subtítulo, que ainda não foi considerado aqui: “romance de crítica de costumes”. Não fica claro quais seriam os costumes criticados: se o egoísmo de Beatriz, seu casamento conveniente; se a cegueira também conveniente de Damião e o esquecimento de sua falecida esposa; se o idealismo ingênuo de Farmâncio, que ruiu diante da falta de condições materiais e do excesso de confiança nos seus pares; se a atitude de Eve, acalmando e modificando as inclinações políticas do marido; ou se todos eles. Ou outros

ainda. Ao elencar aqui esses possíveis objetos da crítica levada a efeito pelo romance, talvez fique claro que o romance não é unívoco, mas aberto a alguns enfoques.

A progressiva perda das ilusões e o progressivo arrefecimento dos ideais revolucionários de Farmâncio estão no centro do romance. As agentes mais visíveis desse processo foram Beatriz e Eve, sem dúvida, mas elas só agiram quando Farmâncio já tinha cogitado desistir da luta social. Suas reflexões sobre o suicídio sinalizam para o abandono de quaisquer ideais concretizáveis. Então, elas *pouco mais fizeram* do que amparar e reconduzir o ex-militante, moldando-o conforme os objetivos pessoais delas (em vez de, por exemplo, ampará-lo, confortá-lo e apoiá-lo na reconstrução de projetos dele). Anteriormente à ação das duas, também as experiências malsucedidas do rapaz revolucionário (sua participação na greve dos bondes, cedo frustrada; a idealização da escola operária e do jornal socialista, que malograram) tiveram participação decisiva em sua desistência, depois da qual veio a mudança de rumos operada pelas duas mulheres.

Nesse sentido, talvez possamos considerar *Os Irmãos Marçal* um romance sobre perda de ilusões revolucionárias, que sucumbiram face ao egoísmo e à riqueza, mas também devido à pouca vitalidade dos ideais. Por meio dessa leitura, o livro se fecha com um lamento, que só se acentua com o júbilo experimentado por Beatriz e Damião.

3 A quem interessa um romance raro?

O romance de Olívio Montenegro pode despertar o interesse de quem estuda a representação de certos temas sociais na literatura, de uma perspectiva realista: seja a geografia humana e física de uma cidade em processo de modernização, sejam as relações de trabalho, ou ainda o Socialismo como ideologia e motor de ações sociais. Também é relevante e digno de interesse para a compreensão da moderna prosa brasileira: seus elementos de estilo, tema, sua edição e recepção. Da mesma forma, para os estudiosos da literatura e da crítica das décadas seguintes, interessará saber que Lima Barreto e José Lins do Rego (1922:01) se manifestaram sobre esse romance, e que ele está na origem da atividade intelectual de um importante historiador da literatura brasileira, seu autor.

De modo mais amplo, interessa potencialmente a qualquer estudioso da literatura, ainda mais da perspectiva da História da Literatura, dada a possibilidade de ampliar a compreensão, por meio desse romance, da produção da década e do ano de 1922 para além das fronteiras dos modernismos paulista e carioca.

TRABALHOS CITADOS

BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro*. Diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. 2.ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

BIBLIOGRAPHIA. *Revista do Brasil*, n. 30, São Paulo, junho de 1918, pp.176-184.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1985.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Edições da Revista do Brasil, 1918.

LUCA, Tania R. de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

MARTINS, Milena Ribeiro. *A prosa de ficção brasileira dos anos 1920: história literária e editorial*. Projeto de pesquisa, UFPR, 2019. [mimeo]

MONTENEGRO, Olivio. *Os irmãos Marçal: romance de crítica de costumes*. Recife: Imprensa Industrial – I. Nery da Fonseca, 1922.

MONTENEGRO, Olivio. *O romance brasileiro: as suas origens e tendências*. Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

OS IRMÃOS MARÇAL. *Jornal do Recife*, 01/08/1922, p. 02. Disponível em Hemeroteca Digital, <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/85840>. Acesso em 14/04/2020.

REGO, Lins do. “O desencantamento de Farmâncio Marçal” in *Jornal do Recife*, 20/08/1922, p. 01. Disponível em Hemeroteca Digital, <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/85967>. Acesso em 14/04/2020.

VALONES, Eduardo Henrique Cirilo. “Cartas de Olivio Montenegro” in SALLES, Cecília Almeida; WILLEMART, Philippe (org.) *Gênese e memória: IV Encontro internacional de pesquisadores do manuscrito e de edições*. São Paulo: Annablume, 1995. pp. 63-68.

WANDERLEY, Romulo Chaves. *Panorama da poesia norte-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965.

Milena Ribeiro Martins é professora do Curso de Letras e da Pós-Graduação em Estudos Literários da UFPR. Fez Licenciatura em Letras-Português, Mestrado e Doutorado em Teoria e História Literária (Unicamp) e Pós-Doutorado no IEB-USP. Atualmente, dedica-se ao ensino de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura. Em suas pesquisas, tem se dedicado ao estudo da prosa de ficção brasileira dos anos 1920, da História da Literatura e História do Livro no Brasil, e à Formação de Leitores na Educação Básica.

Artigo recebido em 15/04/2020.

Aprovado em 28/04/2020.